



1. COLHA AS BANANAS
AINDA VERDES DO PÉ.
PENDURE PELO UMBIGO DO
CACHO E ABAFE EM LOCAL
SECO PARA AMADURECER
MAIS RÁPIDO.

1. PICK THE STILL GREEN
BANANAS FROM THE TREE,
HANG BY THE UMBILICAL STEM
OF THE BUNCH AND COVER
UP IN A DRY PLACE TO RIPEN
THEM MORE QUICKLY.



2. OBSERVE QUANDO A CASCA DAS BANANAS COMEÇA A MOSTRAR
SINAIS DE ESCURECIMENTO, DESCASQUE IMEDIATAMENTE -
BANANAS MADURAS DEMAIS NÃO RENDEM. 3. AMASSE TODA A
QUANTIDADE DE BANANAS QUE IRÁ PREPARAR.

2. LOOK OUT FOR WHEN THE
SKIN OF THE BANANAS
BEGINS TO SHOW SIGNS OF
DARKENING.
PEEL IMMEDIATELY -
OVER-RIPED BANANAS DO NOT
WORK.
3. MASH THE TOTAL NUMBER OF
BANANAS WHICH YOU WILL
PREPARE.



JUVENTUDE TRABALHADORA:

as repercussões do trabalho na trajetória de vida de jovens egressos

JAQUELINE SILVÉRIO ALVES*

INAJARA DE SALLES VIANA NEVES**

DOI: <https://doi.org/10.35699/2965-6931.2024.53331>

RESUMO: O artigo discute alguns dos resultados da pesquisa sobre as repercussões do trabalho na trajetória de vida de jovens egressos da Cruz Vermelha Brasileira, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, realizada por meio da metodologia de pesquisa com narrativas. A partir do diálogo com autores(as) do campo da Sociologia da juventude, do Trabalho e Educação, no caminho teórico-metodológico foi destacado as experiências singulares e como o indivíduo atribui sentido ao seu percurso de vida. A pesquisa com narrativas também apresentou-se como um pilar representativo, sobretudo, por valorizar o relato como um meio de investigação e como forma de produção de conhecimento. Evidenciamos que a categoria “Juventudes” é diversa, bem como os sujeitos que a compõem. Traz elementos que nos permitiram refletir sobre o lugar que o trabalho ocupa na formação dos jovens pobres e das possibilidades de enriquecimento da experiência e da elaboração da condição juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: jovem trabalhador; pesquisa com narrativas; trabalho e educação.

Working youth: the repercussions of work on the life trajectories of young graduates

ABSTRACT: The article discusses some of the results of the research on the repercussions of work on the life trajectories of young people who graduated from the Brazilian Red Cross, in partnership with the Federal University of Minas Gerais, carried out using narrative research methodology. Based on dialogue with authors from the field of Sociology of Youth, Work and Education, the theoretical-methodological path highlighted unique experiences and how individuals attribute meaning to their life path. Research with narratives also presented itself as a representative pillar, above all, by valuing the report as a means of investigation and as a form of knowledge production. We highlight that the “Youth” category is diverse, as are the subjects that compose it. It brings elements that allowed us to reflect on the place that work occupies in the formation of poor young people and the possibilities of enriching the experience and developing the youth condition.

KEYWORDS: young worker; narrative research; work and education.

* Universidade Federal de Minas Gerais

** Universidade Federal de Ouro Preto

Introdução

Este artigo apresenta os resultados da investigação intitulada “Jovens trabalhadores: Estudo sobre as repercussões do trabalho na trajetória de vida de jovens egressos da Cruz Vermelha Brasileira (CVB-MG)¹ em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)” (Alves, 2023). A pesquisa foi desenvolvida em 2022 e 2023, por meio da metodologia de pesquisa com narrativas e teve como objetivo compreender os impactos do trabalho no percurso de vida de alguns jovens, que já haviam se desligado dessa experiência de trabalho. Buscou-se entender como esses jovens percebiam e atribuíam sentido a sua trajetória, tendo o foco revertido para as questões laborais e educacionais.

Para isso foi relevante uma maior compreensão sobre a juventude, ou melhor dizendo juventudes, em especial os jovens das camadas populares da sociedade brasileira, já que normalmente são eles quem participam de projetos sociais de contratação de jovens para o mercado de trabalho. Considerando ainda qual o papel do trabalho (ou não trabalho) no processo de formação do indivíduo. Então, esta pesquisa empenhou-se em revelar processos de aprendizagens, saberes e formação humana. Porém, se faz importante aclarar que o conceito de educação proposto abarca a educação escolar e não-escolar, ou seja, visou investigar o processo de aquisição do conhecimento no sentido mais amplo, integrando o jovem em todas as faculdades, contemplando assim a formação integral, conforme idealizado por Gramsci (Rummert, 2007).

Verificou-se também uma escassez de estudos envolvendo egressos de programas de formação para o mercado de trabalho (Máximo, 2012). Além disso, conforme nos afirma Dayrell; Carrano (2003) ainda é pequeno o número de investigações que se dedicam a perceber como os jovens vivem e elaboram suas situações de vida. Carece de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens sobre suas experiências. Logo, o pressuposto teórico e metodológico da pesquisa com narrativas² contribuiu para o entendimento dessa relação, bem como a decisão de adotar a entrevista narrativa como ferramenta/método de produção de dados.

As entrevistas narrativas encaminharam-se a partir de uma pergunta geral norteadora e registradas no gravador digital de áudio. Posteriormente foram transcritas de forma literal e analisadas, direcionando às reflexões sobre as informações produ-

¹ CVB-MG é uma organização não governamental internacional que estabelece parceria com diferentes instituições. Através do programa Ação Jovem a CVB-MG seleciona jovens, de ambos os sexos, residentes em Belo Horizonte (BH) ou na Região Metropolitana de BH/MG, para iniciação ao primeiro emprego. O jovem faz a sua inscrição virtualmente no site da CVB-MG, na data previamente divulgada. É realizada uma seleção das inscrições com base nos critérios econômicos e sociais. Os jovens pré-selecionados participam de uma triagem psicológica e passam por uma entrevista no possível posto de trabalho. (CVB-MG, 2023).

² A proposta da pesquisa com narrativas ou abordagens biográficas se emoldura na metodologia qualitativa e é discutida por diferentes autores (as): Bertaux (2010; 2021); Delory-Monberger (2012); Passaggi; Souza (2014; 2017); Schütze (2013).

zidas no campo, em diálogo com o referencial teórico. Para tanto consideramos que a entrevista narrativa, termo empregado por Schutze (2013), ou relato de vida, termo adotado por Bertaux (2010) possibilitou a abertura para que os jovens entrevistados assumissem o papel de interlocutores e participassem ativamente da pesquisa, em todas as fases. Superando o tipo de entrevista baseado em pergunta-resposta (Schutze *apud* Bauer; Jovchelovitch, 2008).

Foram entrevistados 6 jovens que tinham mais de 5 anos de desligado da CVB-MG/UFGM, das duas modalidades de contrato estabelecida pela UFGM – Jovem trabalhador (Contratado a partir dos 16 anos e que poderiam permanecer no Programa até completar 18 anos) e Jovem aprendiz (Destinado a jovens com idade a partir de 15 anos e 3 meses e que permitia a permanência do jovem atuando junto à Instituição por 16 meses). Além disso, era necessário que no momento da pesquisa fossem classificados como jovens, conforme faixa etária definida nos marcos legais do Brasil – de 15 a 29 anos. (Freitas; Abramo; Lén, 2005).

Procuramos observar em que medida essa experiência de trabalho foi significativa ao ponto de produzir sentido no jovem e afetar a trajetória de vida do mesmo. Com isso, organizamos as interpretações narrativas em categorias que emergiram dos próprios relatos e se configuraram como espécie de agrupamento temático, gerando uma nova narrativa, a partir da ótica da pesquisadora. (Delory-Monberger, 2012).

Então neste artigo, vamos privilegiar a análise da relação entre juventude, trabalho e educação. Pensando ainda nos possíveis sentidos do trabalho dentro de uma universidade. Introduzimos expressões retiradas das narrativas de cada jovem, no sentido de ilustrar o discurso, mas vale ressaltar que foi aplicado outro nome, a fim de preservar a identidade, tanto dos jovens entrevistados quanto das pessoas referenciadas na entrevista. Iniciaremos então com uma breve discussão acerca do perfil socioeconômico dos jovens ex-trabalhadores da CVB-MG/UFGM. Em seguida discutiremos sobre a referida experiência de trabalho, principalmente em relação à centralidade do trabalho e do espaço. Ao final, refletiremos sobre a tríade juventude pobre trabalhadora, apontando as possibilidades e limites dessa vivência. Nas considerações finais, retomaremos alguns pontos abordados buscando ampliar as possibilidades de análises e reflexões.

Desenvolvimento

2.1 Perfil sociodemográfico dos jovens

Na análise da trajetória profissional dos seis jovens entrevistados observamos que quatro deles já tinham atuado em atividades informais, antes da experiência de trabalho na CVB-MG/UFGM. O que reforça a tendência de trabalho precoce devido à necessidade de contribuição financeira no contexto familiar. (Ciavatta, 2009).

[...]. É vamos lá. É jovem um, de, de periferia assim, a gente sempre está precisando de trabalhar. Não tem como fugir disso. É meu pai ele, na época, meu pai e minha mãe e meus irmãos, a gente trabalhava, Precisava né. A renda era pouca, meu pai sempre trabalhou na construção civil. Então a gente precisa trabalhar mesmo, não não tinha como fugir disso. (Jovem Guilherme)

Já na conjuntura de trabalho na CVB-MG/UFGM, a maioria dos jovens entrevistados afirmaram que não tinham total responsabilidade com as despesas financeiras da família, aplicando o dinheiro no lar, mas só como uma parcela de ajuda. O maior número desses jovens disseram que no período em que trabalharam na CVB-MG/UFGM até pouparam o salário, exemplificando em que investiram. Avistamos que isso demonstra uma das repercussões do trabalho, já que o jovem da periferia é atravessado pela questão do trabalho (Rosa; Coutinho, 2019), consequentemente pela necessidade do dinheiro. Então esse contexto de vida, em que os jovens relatam administrar o valor adquirido no trabalho, não aplicando só a curto prazo ou em necessidades básicas, representa uma ressonância na trajetória de vida dos mesmos.

A atuação na CVB-MG/UFGM em tempo integral era uma forma de receber um salário melhor e auxiliar nas despesas familiares, mas, também revelava a possibilidade de adquirir bens pessoais, ter acesso ao lazer, cultura – Benefícios esses comumente escassos na realidade de vida dos jovens pobres. No entanto, todos os jovens entrevistados, exceto o que trabalhava 4 horas, se queixaram do cansaço diante da jornada de trabalho, uma vez que tinham pouco tempo para o descanso, lazer e estudo.

Esse cenário revela um impasse habitual na vida do jovem pobre brasileiro, pois o dinheiro representa uma solução para algumas agruras, porém, introduz outros impasses, como o cansaço, dificuldade de harmonizar trabalho e estudo, falta de disposição para participação social, cultural e lazer.

Isso também aponta para uma discussão importante e polêmica, pois muitas das vezes a experiência de trabalho para a juventude pobre não se apresenta como uma escolha, mas sim como uma imposição. (Frigotto, 2008b). E, se a situação se torna crítica, desgastante e precisam escolher entre trabalho e escola, tendem a optar pelo trabalho.

O que que acontece, assim que eu saí da Cruz Vermelha eu estava com dezoito anos. Com dezoito anos, eu não conseguia eu não estava querendo estudar. Eu até tinha noção que, que eu ia fazer, que queria fazer uma faculdade. Mas eu não queria fazer uma faculdade naquele momento, porque eu estava vindo de trabalho e estudo ininterruptamente, desde que eu tinha 16 anos de idade, ou antes disso, já estava vindo de trabalho e estudo, ininterruptamente. Então falei vou dar um tempo para mim mesmo e vou vou só trabalhar, porque não posso parar de trabalhar. Então parei um tempo. (Jovem Guilherme)

Quando o jovem consegue um trabalho, necessário para enfrentar a desigualdade social, tende a sair da escola, porque não consegue conciliar os compromissos da escola e do trabalho. (Faleiros, 2008; Silva, 2013; Franzoi, 2011). Provocando um círculo vicioso entre a demanda por escolaridade e a exigência de se ter um trabalho mais cedo, e com isso, conduzindo uma significativa quantidade de jovens à margem dos direitos elementares à vida. (Frigotto, 2011).

Todavia o jovem não pode ser culpabilizado por esse cenário (Barbosa; Paiva; Helal, 2020), nem tão pouco pode ser tratado de forma análoga com outros jovens, porque o contexto da vida de um jovem é atravessado por diferentes fatores, com itinerários diversos e trajetórias despadronizadas. (Dayrell, 2001; 2016; Dayrell; Carrano, 2003; Dayrell; Carrano; Maia, 2014; Freitas; Abramo; León, 2005). Frigotto (2008a; 2011) inclusive nos chama a atenção para as contradições do capitalismo, ao apontar que há uma impossibilidade do sistema capitalista cumprir sua promessa para os jovens projetarem seu futuro e organizarem sua vida. Uma vez que as promessas da burguesia se tratam de um projeto que se contrapõe a uma sociedade de classe.

O que a ideologia do capital humano e seu rejuvenescimento pelas noções inclusão, competência, empregabilidade, capital social, etc, escondem é desigualdade e pobreza que se ampliam pela concentração de capital e de monopólio da ciência e tecnologia como forças para ampliar o capital contra trabalhadores e que impedem, cada vez mais, que milhões de jovens filhos de trabalhadores possam programar seu futuro e milhões de adultos percam seu emprego ou sejam precarizados. (FRIGOTTO, 2011, p. 117).

Dado isso, constitui-se uma situação contraditória: de um lado está o jovem em busca do primeiro emprego e, de outro, um protótipo econômico rigoroso e excludente. Portanto, as taxas de desemprego não podem ser justificadas devido à escassez de mão de obra qualificada, nem muito menos se deve culpar o sujeito. Até porque “Sabe-se que, se o sucesso e a consequente ascensão social fossem vistos apenas como resultado dos esforços e motivação das pessoas, todos teriam iguais condições de sucesso e mobilidade social.” (Behar apud Barbosa, Paiva, Hehal, 2020, p. 2).

2.2 Sobre a experiência de trabalho na cvb-mg/ufmg - “um pontapé inicial”

Foi uma experiência bem válida. É, é um trabalho, tranquilo. Um trabalho que ajuda muito o jovem que está precisando ingressar, porque querendo ou não sobrava muito de oportunidade para quem é jovem sem experiência, muitas vezes sem instrução, na nossa região aqui, é mais serviço braçal. Isso acaba dando uma abertura para você ingressar num, num serviço de escritório, puxar para um lado administrativo. Acaba que não é uma grande base, principalmente porque, quando você depende desse tipo de programa, geralmente você já tem uma baixa renda, já vem de um local mais, mais difícil de você ter uma estrutura melhor, um estudo, um cursinho, alguma coisa assim. Mas dá para ser um pontapé inicial. (Jovem Guilherme)

A crítica e conteúdo apresentado pelo jovem, citado acima, ilustra o quanto o aparato do trabalho de inserção de jovens, por meio da Cruz Vermelha em parceria com a UFMG, não é o suficiente para garantir os direitos basilares dessa categoria. Não obstante, é entendido como uma iniciativa importante, porque sem essa experiência o cenário de vida do jovem da periferia se torna ainda mais crítico e limitado.

Refletimos que a expressão “Pontapé inicial” pode ser analisada de múltiplos ângulos. Tendo em vista que reproduz um discurso ou um valor social do trabalho, entendido como necessário, quase que vinculado a uma ética protestante do trabalho, mas, pode ser também compreendida como uma visão alienante e opressora do sujeito sobre o trabalho. Sendo que essa leitura social tende a prejudicar a autonomia do jovem trabalhador, o seu desenvolvimento e a formação integral do mesmo, ferindo o princípio educativo do trabalho. (Ciavatta, 2009).

Eu acho que esse tempo de ele, de pensar esse estranhamento que eu tinha, pela particularidade do meu setor, de eu ter esse tempo de conseguir ter esse tempo para pesquisa, para pensar, eu acho que é foi, foi uma das coisas mais significativas. Porque como meu meu setor não tinha um volume muito grande de trabalho, eu conseguia ter esses espaços de tempo ali, pra fazer coisas relacionadas a minha trajetória individual, foi o que eu mais gostava de fazer. Tipo assim, eu ficava pesquisando música, eu ficava lendo revista, ficava lendo matéria, ficava lendo livro. Então isso meio que ajudava a significar minha trajetória, dentro aqui do espaço, dentro do trabalho. Então eu lembro que era o o momento mais agradável ali, fazer assim, ah não, estou com um tempinho livre aqui vou ali pesquisar tal, uma coisa de tal cantor, vou pesquisar, vou ler uma matéria ali, vou ler um livro. Então esses momentos. Então, conseguia me pensar, num momento de trabalho ou pensar minha vida ali, tempo para refletir mesmo, era o que era mais significativo ali. (Jovem Lorenzo)

O jovem Lorenzo qualifica como importante o tempo livre que tinha no trabalho. E entendemos que “ter tempo para ter tempo” também é uma condição necessária para o desenvolvimento do jovem. Aproximamos pois, essa noção de tempo com a teoria de Erikson (1998), quando diz que certo nível de isolamento é essencial para o jovem, ou seja, não revela malefícios para a constituição do indivíduo. Assim, tanto o isolamento quanto o tempo para reflexão é necessário para a formação do jovem.

As narrativas são úteis para nos fornecer uma visão do lado subjetivo de processos institucionais (Becker, 1994). E a análise dos dados empíricos indicaram aspectos positivos (prazer) e negativos (sofrimento) dessa experiência de trabalho (Franzoi, 2011; Santos; Ferreira, 1996; Zanelli; Borges-Andrade; Bastos, 2014), à saber:

Era até muito bom, era muito tranquilo, o pessoal no geral era bem compreensivo, com quem era menor aprendiz, mas tem uma vibe meio diferente da, de outros empregos, sabe. (Jovem Guilherme)

Até com o Gilberto sempre foi muito tranquilo, muito tranquilo mesmo, ele igual eu no começo eu ficava lá, lá na frente, naquela salinha do lado da portaria. Aí daí um tempo passou pra cá. Daí nunca esquentou a cabeça, quando tinha serviço ia lá fazia, quando não tinha ficava mexendo no computador e nunca foi de impor nada, entendeu. (Jovem Heitor)

Agora eu tive muita festa com os servidores sabe, mas aí era questão mais particular. Almoço que a gente fazia, era muito legal, porque levava a gente para comer no restaurante muito chique, que a gente não sabia nem pegar os talheres. E aí sabe, dava essa noção. A

gente não pagava, quem pagava era eles. Eles faziam festas pra gente, no aniversário. Acho que os servidores tem muito sabe, essa questão de, de tratar bem esses, esses jovens que chegam. (Jovem João)

Então acho que teve determinadas pessoas que conseguiram construir diferentes tipos de vínculos ali. E eu lembro que eu tinha uma trajetória mais sozinha ali mesmo, nesse sentido, eu conversava com o pessoal do meu setor praticamente é, qual, até essa amizade com os próprios trabalhadores da Cruz Vermelha foi uma coisa muito em função do projeto especificamente. Ah, e um pouco antes, tinha esse movimento da gente almoçar no Bandeirão. Aí a gente se via por causa do uniforme. Aí tipo assim eu fui fazer uma amizade mais no meio pro fina em diante, com Luan, especificamente.

Aí através da amizade com ele foi ampliando o ciclo entre meninos da Cruz Vermelha, mas é, eu lembro que na, no primeiro contato assim, eu lembro que eu fiquei um tempo aí, praticamente, que eu não tinha contato, nem com um outro jovem aprendiz. Foi muito nessa dinâmica do almoço da gente se vê, porque no meu setor não tinha outros jovens aprendiz, era só eu na FACE. (Jovem Lorenzo)

E enfim um pouco antes de sair a conversa que eu tive com ele, é que era pra eu ser demitido antes do prazo. Só que como estava ocorrendo esse lance de ter problema em algum outro setor eles iam fazer uma troca né. Me faltava menos de 6 meses, se não me engano, pra terminar, aí a pessoa desse setor eu até fiz amizade com ele, chama Mateus o menino, a gente é amigo até hoje. O Mateus ia sair da Música que ele trabalhava numa biblioteca e eu ia pro lugar dele e terminar meu contrato lá e ele viria pro meu lugar na FALE. (Jovem Luan)

Nossa eu fiquei assim que responsabilidade, eu não vou saber o que fazer lá. Eu pensei que seria tipo, eu falei vou chegar lá vai ser um tanto palavra difícil, não sei, não vou saber entender, eu não sei significado, vou ficar perdida. Na entrevista eu achei que eu não iria passar, aí, nó, foi uma confusão, mas só que depois passei, aí trabalhei um pouco, aí falei ó é mais tranquilo. (Jovem Rafaela)

Na análise dos dados produzidos nesta pesquisa apreendemos que, a formação integral não se dava só nos espaços de trabalho e que a experiência de trabalho foi experimentada e narrada por cada jovem de uma forma, até porque como nos afirma Dayrell; Carrano (2003), são muito variadas as formas como cada grupo, marcado pela classe social, cultura, gênero, região geográfica, dentre outros fatores, vai lidar com

esse momento. Ademais, como nos aponta a abordagem ergológica (Schwartz, 2010), às relações de trabalho vão transpondo as fronteiras, transgredindo as regras, para além da normalização.

Assim, as falas apresentadas neste artigo têm a intenção de contribuir para uma reflexão da experiência da juventude trabalhadora e enveredar práticas institucionais, juntamente com os jovens, na sua completude. Sendo necessário introduzir outros mecanismos, como aparato para a formação integral desse jovem trabalhador, sobretudo, para que as experiências vividas no campus da UFMG, possam ser pensadas como um receptáculo de intensos e profundos aprendizados.

2.3 Sobre a centralidade do trabalho - “visão de que o trabalho edifica”

Obter uma renda ou aprender uma profissão é para muitos desses jovens uma necessidade, entretanto, o primeiro emprego simboliza a chance de socialização e integração entre os jovens, a família e o mundo do trabalho. (Ciavatta, 2009).

É motivo de orgulho para eles entendeu, porque a galera sempre tem aquela técnica de agora ele está trabalhando, para ele, ele consegue ter o dinheiro dele, para fazer as coisas dele, entendeu. Então é muito essa visão de que o trabalho edifica. (Jovem Luan)

É como se o ser humano não pudesse ficar sem a referência de um trabalho, visto que ele nos completa e nos totaliza. Também porque, o trabalho existe desde o início da humanidade. (Ciavatta, 2009).

Embora seu aparecimento seja simultâneo ao trabalho, a sociabilidade, a primeira divisão do trabalho, a linguagem etc. encontram sua origem a partir do próprio ato laborativo. O trabalho constitui-se como categoria intermediária que possibilita o salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social. (ANTUNES, 1999, p. 136).

Inclusive os escritos de Marx (1996; 2013) refletem sobre questões dessa ordem, pois diz que por meio do trabalho se consolida o valor de uso – produzir aquilo que é útil, característica geral/universal do processo de trabalho, relação direta do homem com a natureza, para satisfação das necessidades humanas. Conduzindo a criação, realização, convergência. Uma vez que,

A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a, fazendo o vendedor dela trabalhar. Este, ao trabalhar, torna-se realmente no

que antes era apenas potencialmente: força de trabalho em ação, trabalhador. [...]. É, portanto, um valor de uso particular, um artigo determinado, que o capitalista faz o trabalhador produzir. A produção de valores de uso não muda sua natureza geral por se realizar para o capitalista e sob seu controle. Por isso, o processo de trabalho deve ser considerado de início independentemente de qualquer forma social determinada. (MARX, 1996, p. 297).

Porém, a partir da sociedade moderna e contemporânea, as pessoas são arrancadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho, como proletários. (Marx, 1996). E esse trabalho, reduzido a sua dimensão de força, reduz também o seu valor, produzindo a desefetivação dos trabalhadores. Em outras palavras, exclui os trabalhadores, porque “[...] quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio.” (MARX, 2010, p. 81). Por isso, o trabalho também é concebido pelo âmbito negativo e reflete na relação trabalho-educação, principalmente porque a estrutura deixa de ser fundamentada em laços naturais e passa a ser pautada em laços sociais.

Observamos pois no discurso dos jovens entrevistados, por vezes hegemônico, uma dimensão social do trabalho. Mas vale salientar que às vezes essa expressão tende a conduzir para uma forma de alienação, sobretudo, do jovem pobre.

Aí daí, minha prima pegou e falou, não vamos ver um serviço de menor aprendiz, para ele pegar e e vê se pega e cresce, que ele está parado em casa, está só estudando e tal. Aí daí nós começamos a procurar. Aí fez a inscrição no Assprom, mas no Assprom não consegui porque minha irmã na época ainda era da Assprom. (Jovem Heitor)

Quando o jovem Heitor afirma, no trecho acima, que a sua prima entendia que a oportunidade de trabalho na Cruz Vermelha era interessante para ele “crescer”, já que estava “parado” em casa, ficando “velho”, “sem conhecimento”, “só estudando”, ilustramos o tipo de discurso preeminente e lançamos outros questionamentos, pois como assim um jovem não pode só estudar? E estudar não é também uma forma de adquirir conhecimento? De onde vem a concepção de que um jovem pobre que esteja só estudando é como se tivesse parado, ficando velho?

Essas classificações nos apontam vestígios de que o imaginário social tende a definir que para o jovem da periferia só estudar não é suficiente, nem propício para essa categoria

social. Principalmente porque há uma construção social que se projeta na fala dos jovens e daqueles que estão à sua volta. E como afirma Rizzo; Clamon (2010/2011) “O trabalho aparece como forma de fugir da condição social, como se trabalhar impedisse que ele se envolvesse com coisas erradas, por não ter tempo ocioso, mas principalmente por estar com a mente ocupada.” (RIZZO; CLAMON, 2010/2011, p. 415).

Minha mãe particularmente porque eu acho que ela que eu mais escuto, que mora comigo, ela tem muito a visão do trabalho só como remunerador entendeu, como remunerado. Ela não vê o trabalho como trabalho formativo. (Jovem Luan)

Nesse sentido, a visão da mãe do jovem Luan está em confluência com as ideologias sociais que se têm sobre o conceito de trabalho, vinculado à classe social baixa. (Silva; Barros; Nogueira; Barros, 2007). Além disso, ela enxerga o trabalho somente como um meio de subsistência, desvinculado dos demais dispositivos sociais ou relacionado ao imediatismo do mercado de trabalho. (Frigotto, 2008b). Em outras palavras, o trabalho é concebido de forma arraigada, e não como construtor de um ser criativo, conforme os preceitos do trabalho como princípio educativo do trabalho.

Vê-se então nas falas dos jovens os significados atribuídos ao trabalho - como um antídoto aos riscos da juventude (Rizzo; Clamon, 2010/2011) e/ou como um meio definido socialmente para se ter responsabilidade (Faleiros, 2008). Mas é importante atentar para o risco de se perpetuar ideologias/convicções preconceituosas e estigmatizantes. Enfim, precisamos entender as circunstâncias que fazem com que se materialize esse tipo de discurso, mas, também temos que tentar romper com essas discriminações sociais, que aprisionam os jovens e limitam o seu futuro.

2.4 Sobre a centralidade do espaço - “colocar um jovem no ambiente certo”

Os jovens entrevistados trouxeram a questão do espaço do *campus* Pampulha da UFMG como central e marcador na vivência que tiveram. E consideraram que isso impactou no processo de apropriação (Paula, 2011) e nas determinações futuras.

Sem dúvida, sem dúvida, é aquela questão, é colocar um jovem no ambiente certo. É talvez o melhor ambiente que tenha, um ambiente de pluralidade de ideias, um ambiente que seja enriquecedor, tanto culturalmente. Porque, porque igual eu te falei, pô, conversava com diversas pessoas, pessoas incríveis. (Jovem Guilherme)

[...]. Eu digo que isso é relevante porque eu tenho certeza que se não tivesse vindo para, para a Cruz Vermelha, com esse contato com a universidade eu não estaria hoje como aluno aqui. Então é porque você é de Neves também e a galera de onde eu venho ainda por cima do bairro Paraisópolis, que é um bairro periférico, muitos nem conhecem que a universidade é esse lugar do curso de graduação e de ensino superior. Muitos nem tem a dimensão de que, de qual espaço é esse aqui e de qual formação esse espaço oferece. (Jovem João)

Demarcamos o fato de três jovens terem relatado que não tinham entrado no campus Pampulha antes da experiência de trabalho na CVB-MG/UFMG. O que se apreende como o estabelecimento de fronteiras invisíveis para quem não vivencia determinado porção espacial (Paula, 2011), tendência da juventude periférica não conhecer e explorar os espaços públicos, como a Universidade Federal de Minas Gerais e o quanto esse projeto de contratação de jovens possibilitou o ingresso em outro universo, ou seja, a ampliação dos horizontes.

Destacamos ainda a fala do jovem João quando afirma que tem certeza de que se não tivesse vindo trabalhar na UFMG, no Programa da CVB-MG não estaria atualmente ocupando-a como aluno. Isso nos leva a pensar nos possíveis sentidos do trabalho dentro de uma universidade, já que houve um encontro entre uma estrutura de significados do sujeito e o horizonte material (Paula, 2011). Além de entender o quanto esse espaço possibilitou vivências que impactaram no processo de pertencimento desse jovem.

Mas enquanto o jovem João relatou que quando estava no espaço do campus UFMG se sentia acolhido pelas pessoas do setor que trabalhava, permitindo tornar-se parte desse lugar, outro jovem disse o contrário.

Então era um choque para mim andar por aqui pelo *campus*, não ver ninguém igual eu entendeu. Eu acho que era muito marcante a camisa da Cruz Vermelha, porque a gente era aquilo ali entendeu. A gente era a camisa só. Eu acho que o Luan, o indivíduo não existia naquele momento sabe.

É, eu não me imaginava trabalhando dentro da universidade e não me imaginava aluno da universidade, por essa questão de pertencimento que a gente já falou sabe. Por não ver ninguém parecido comigo ali. Não tinham uma pessoa, um perfil parecido com o meu sabe.

Então eu falo pelo uniforme, pelo trabalho que eu exercia aqui um pouco pela minha cor também, é um pouco por não conhecer UFMG também. Uma vez por não ter tido acesso ao *campus* e tal é sei lá, já tem costume de vir aqui desde sempre, desde pequeno estuda aqui no centro pedagógico, eu tive contato com UFMG mesmo diário foi quando eu comecei a trabalhar aqui. Eu moro próximo do *campus*. Então foi meio que essa relação. (Jovem Luan)

Diante dessas incongruências de vivências e percepções interpretamos o fato de que, assim como ocorre com o tempo e o espaço (Cunha, 2013; Freitas; Abramo; Lén, 2005) também se transforma o trabalho, e conseqüentemente a relação com as pessoas e com os recursos. Pois, a organização espacial tem um propósito que nos atinge e o espaço social não é neutro.

Consideramos que assim como acontece com os outros programas de contratação de jovens, o Programa da CVB- MG/UFMG é atravessado pelo regime capitalista, em que há uma apropriação da força de trabalho, transformando-a em mercadoria, conduzindo para a divisão do trabalho e conseqüentemente a exploração da mão de obra. (Marx, 1996; 2013; Rizzo; Clamon, 2010/2011; Saviani, 2007; Trinquet, 2010). Então, o fato do jovem ter tido a primeira experiência de trabalho dentro de uma universidade, por si só não garante a sua inclusão.

Considerações finais

As reflexões dos seis jovens sobre a experiência de trabalho na Cruz Vermelha Brasileira em parceria com a UFMG manifestaram à diversidade da categoria “Juventudes”, sem ocultar as tensões existentes em seu contexto. Então, nesse artigo tentamos apresentar alguns dos resultados da pesquisa desenvolvida no mestrado, dialogando o referencial teórico com os dados empíricos, tentando ressaltar as elaborações dos próprios jovens/ sujeitos que fizeram parte dessa experiência laboral.

Esse estudo trouxe elementos que nos permitiu refletir sobre o lugar que o trabalho ocupa na formação dos jovens pobres. É crível afirmar que, a partir das relações que os jovens estabeleciam na experiência de trabalho, tinham acesso a diferentes referências e uma gama de informações que possibilitaram construir múltiplas formas de ver e viver o cotidiano. Podendo ser entendido como um processo de formação para

além dos centros de educação, todavia, no ambiente de trabalho, a possibilidade de enriquecimento das experiências e a elaboração da condição juvenil, não era apresentada plenamente à todos.

Os resultados da pesquisa apontaram que a CBV-MG e a UFMG não atuavam com a juventude trabalhadora na sua completude. Entretanto, independente de onde e com quem cada jovem se filiava, havia sempre uma estratégia para lidar com as situações, o que pode ter repercutido na trajetória de vida desses jovens, pois, as experiências de formação dos sujeitos não ocorrem no isolamento ou fora das influências regulatórias de uma sociedade, como os atravessamentos de credo, de classe, de raça, de gerações e de gênero.

Constatamos ainda que mesmo que as motivações e objetivos declarados por alguns dos jovens, ao optarem pelo trabalho, se devessem mais a necessidades ou déficits econômicos e financeiros, à experiência de trabalho na Cruz Vermelha Brasileira e a Universidade Federal de Minas Gerais foi além dessa questão, promovendo impactos de diversas ordens. Assim, os sentidos que os jovens construíram sobre suas trajetórias expressaram a multiplicidade e pluralidade da vivência da condição juvenil e do trabalho. E são o entrelaçamento das escolhas biográficas e das estruturas de oportunidades disponíveis.

Aprendemos que no processo de construção do conhecimento é preciso observar o discurso reproduzido socialmente e promover reflexões críticas, exercitando com isso a sociologia reflexiva. Estando ciente de que cabe novos questionamentos e para tanto, novas pesquisas. Sugestionamos então que sejam desenvolvidos novos estudos, buscando aprofundar em como se dá às relações dos jovens no posto de trabalho, compreendendo a tendência do trabalho flexível, os atravessamentos na vida do jovem e a influência de diferentes marcadores interseccionais.

A investigação nos mostrou a importância de reconhecer os jovens como sujeitos de direitos e em suas pluralidades. Isso implica construir um programa de formação para o trabalho, bem como estruturar práticas laborais articuladas com as demandas e os desafios vivenciados pelas juventudes. Contribuindo assim para que o jovem trabalhador deixe de ser um mero executor, invisível no seu fazer, e seja tratado na sua integridade.

Referências

ALVES, Jaqueline Silvério. *Jovens trabalhadores: Estudo sobre as repercussões do trabalho na trajetória de vida de jovens egressos da Cruz Vermelha Brasileira em parceria com a UFMG*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2023.

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, Boitempo / Coleção Mundo do Trabalho, 3^{ff} ed, 1999.

BARBOSA, Jane Kelly Dantas; PAIVA, Kelly Cesar Martins de; HELAL, Diogo Henrique. *O Que Você Vai Ser Quando Crescer? Transição Para a Vida Adulta e Trajetória Profissional de Jovens Trabalhadores Brasileiros*. XLIV ENCONTRO DA ANPAD - EnANPAD 2020. Evento on-line - 14 a 16 de outubro de 2020 - 2177-2576 versão online.

BAUER, Martin W.; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Entrevista Narrativa. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal, UFRN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BERTAUX, Daniel. A utilização das narrativas de vida numa perspectiva sócio-etnográfica. *SOCIOLOGIA ON LINE*, n.o 27, dezembro 2021, pp. 11-30 | 10.30553/sociologiaonline.2021.27.1.

CIAVATTA, M. Trabalho como princípio educativo. In: PEREIRA, I; LIMA, J. *Dicionário da educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, p. 408-415, 2009. <http://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/dicionario-da-educacao-profissional-em-saude-segunda-edicao-revista-e-ampliada>.

CUNHA, Charles Moreira. Saberes no trabalho entre experiências e memórias: reflexões iniciais. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.22, n.3, p.209-222, set./dez.2013. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9233>.

CVB-MG, CRUZ VERMELHA BRASILEIRA DE MINAS GERAIS. *Filial do Estado de Minas Gerais. Programa Ação Jovem*. 2023. <https://www.cruzvermelhamg.org.br/index.php/assistencia-social#1>.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. Faculdade de Educação/USP. Tese de doutorado, 2001.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do observatório da juventude da UFMG*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César R. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. Observatório jovem. 2003. http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf.

DELORY-MONBERGER, Christine. *Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica*. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*. v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>.

ERIKSON, Erik Homburger. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FALEIROS, Vicente de Paula. *Juventude: Trabalho, escola e desigualdade*. *Educação e Realidade*. 33(2): 63-82, jul/dez. 2008.

FRANZOI, Naira Lisboa. *Juventude, trabalho e educação: crônica de uma relação infeliz em quatro atos*. In: DAYRELL, Juares; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. (Org.). *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira (4.: 2010.: Belo Horizonte, MG). Ed. PUC Minas, 2011.

FREITAS, Maria V. de (Org.); ABRAMO, Helena W.; LEON, Oscar D. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. Ação Educativa: Programa de Juventude*, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação profissional e capitalismo dependente: o enigma da falta e sobra de profissionais qualificados*. *Trab. Educ. Saúde*, v. 5, n. 3, p. 521-536, nov.2007/ fev. 2008a.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio*. Centro de Educação Tecnológico do Estado da Bahia. CETEB, 2008b.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Juventude, trabalho e educação: o presente e o futuro interditados ou em suspenso*. In: CIAVATTA, M.; TIRIBA, L. (Org.). *Trabalho e educação de jovens e adultos*. Brasília, DF: Liber Livro; Editora UFF, 2011, p. 99-133.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Livro 1. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução Rubens Enderle. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÁXIMO, Thaís A. C. de O. *Significado da formação e inserção profissional para gerentes e aprendizes egressos do programa jovem aprendiz*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bordieu: Da “ilusão” à “conversão autobiográfica”. *Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014. 10.21879/faeaba2358-0194.v23.n41.838. Acesso em 15.dez.2022.

PASSEGGI, M. C; SOUZA, E. C. (2017). *O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional*. *Investigación Cualitativa*, 2(1) pp. 6-26. <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>.

PAULA, Fernanda Cristina de. (2011). *Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia*. *GeoTextos*, 7(1). <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v7i1.5271>.

RIZZO, Catarina Barbosa da Silva; CLAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. *O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador*. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8 n. 3, p. 407-417, nov.2010/fev.2011.

ROSA, Debora Diana da; COUTINHO, Maria Chalfin. *Juventudes e trabalho: trajetórias de egressos do programa jovem aprendiz*. *Interfaces Científicas Humanas e Sociais*, Aracaju, V.8, N.2, p. 99 – 112, Agosto/Setembro/Outubro – 2019.

RUMMERT, Sonia Maria. *Gramsci. Trabalho e Educação. Jovens e adultos pouco escolarizados no Brasil actual*. *Caderno Sísifo n.4, Educa/ Unidade de I&D de Ciências da Educação*, 2007.

SANTOS, Eloísa Helena; FERREIRA, Tânia. *Trabalho porquê? Sistematização da experiência do programa Geração de Trabalho*. Belo Horizonte: AMAS, 1996.

SAVIANI, Dermeval. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. <https://www.scielo.br/rbdu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmX-drkWP/?lang=pt&format=pdf>.

SCHÜTZE, Fritz. *Pesquisa biográfica e entrevista narrativa*. In: WELLER, W. e PFAFF, N. *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação*. Petrópolis: Vozes, 2013.

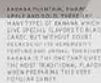
SCHWARTZ, Yves. *A experiência é formadora? Educação e realidade*. Porto Alegre, jan/abr, 2010, 35-48.

SILVA, Olímpia de Souza Chaves Santos. *Atuação da Cruz Vermelha Brasileira e da UFMG na promoção social de jovens e adolescentes*. Fundação Pedro Leopoldo. Dissertação de mestrado, 2013.

SILVA, A. P., BARROS, C. R., NOGUEIRA, M. L. M., & BARROS, V. A. (2007). "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: Estudos Em Psicologia*, 1(1). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>.

TRINQUET, Pierre. *Trabalho e educação: o método ergológico*. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, número especial, p. 93-113, ago 2010. <https://doi.org/10.20396/rho.v1oi38e.8639753>

ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.



SABASA (Pumpkin, Squash) and **SOL** (Turnip) are many types of squash which give special flavors to Black Card. But without solst, we lack our very important feeding and oral, the rice (SABASA) is the one that gives the most traditional flavor when preparing this very popular drink.



1. COLHA AS BANANAS
AINDA VERDES DO PÉ.
PENDURE PELO UMBIGO DO
CACHO E ABAFE EM LOCAL
SECO PARA AMADURECER
MAIS RÁPIDO.

1. PICK THE GREEN BANANAS
BEFORE THEY ARE FULLY
RIPED BY THE UNMOUNTED STEM
OF THE STALK AND DRY THEM
IN A DRY PLACE TO RIPEN
THEY MORE QUICKLY.



2. OBSERVE QUANDO A CASCA DAS BANANAS COMEÇA A MOSTRAR
SINAIS DE ESCURECIMENTO. DESCASQUE IMEDIATAMENTE -
BANANAS MADURAS DEMAIS NÃO RENDEM. 3. AMASSE TODA A
QUANTIDADE DE BANANAS QUE IRÁ PREPARAR.



2. WHEN THE BANANAS
BEGIN TO SHOW SIGNS OF
DARKENING, PEEL IMMEDIATELY -
OVER-RIPENED BANANAS DO NOT
YIELD.
3. MASH THE TOTAL NUMBER OF
BANANAS WHICH YOU WISH
TO PREPARE.





Trabalho

ISABELA PRADO*

O trabalho é um aspecto central da vida humana. É fonte de subsistência, e ao mesmo tempo de exploração; envolve relações pessoais e é como nos identificamos socialmente. O debate sobre o tema tem grande pertinência e atualidade, uma vez que vivemos em tempos de mudanças nas relações de trabalho, com o avanço de reformas que o precarizam e eliminam direitos. Ao mesmo tempo, a disseminação de tecnologias digitais traz novos desafios e novos contextos para o entendimento das condições de trabalho e das profissões.

Investigar esse tema, ao mesmo tempo complexo e atual, é o propósito deste número da Revista da UFMG. O ensaio visual apresentado aqui também se propõe a enfrentar esse desafio, contribuindo para a reflexão de forma poética. O artista escolhido para esta edição é Jonathas de Andrade, nascido em Maceió, Alagoas, e que vive em Recife, Pernambuco. Ele utiliza várias mídias, incluindo fotografia, vídeo e instalação. Seu trabalho explora temas de identidade, cultura, trabalho e questões sociais no Brasil, misturando narrativas pessoais e coletivas. Jonathas de Andrade usa uma combinação de abordagens documentais e ficcionais, criando obras que são ao mesmo tempo poéticas e críticas.

(Para ler esse texto completo, clique [aqui](#).)

* Artista visual e professora na Escola de Belas Artes da UFMG